

ANALISANDO O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA QUANTO À ABORDAGEM GRAMATICAL

Juliana Thiesen Fuchs¹
Monique Izoton²

RESUMO

Este artigo visa analisar o livro didático Português Linguagens, de Cereja e Magalhães, no que se refere às atividades de cunho gramatical. Pretende-se averiguar qual é a concepção de língua e de gramática que perpassa a obra, com base em autores como Travaglia (2002) e Antunes (2007; 2009). Constata-se que, apesar de contemplar em algumas atividades a gramática internalizada, predomina no livro didático a abordagem gramatical normativa. Entretanto, salienta-se a ocorrência de atividades que estimulam o tratamento científico da linguagem e outras que contemplam a gramática reflexiva, o que faz com que o livro possa ser usado em sala de aula desde que o professor saiba adequá-lo ao seu planejamento.

Palavras-chave: Livro Didático, Língua Portuguesa, Gramática.

Introdução

Livros didáticos são recursos frequentemente usados pelo professor em sala de aula. Para uma boa escolha e exploração desses materiais, é preciso que o docente faça uma análise da abordagem metodológica dos conteúdos trabalhados, verificando sua adequação às necessidades dos estudantes.

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo a análise de um livro didático de Língua Portuguesa, observando-se especialmente as atividades de cunho gramatical, com o intuito de identificar que concepção de língua perpassa a organização da obra. A partir dessa análise, quer-se discutir que tipos de gramática são ensinados (gramática normativa, reflexiva ou internalizada) e de que maneira são abordados os conteúdos gramaticais presentes no livro.

¹ Mestre em Linguística Aplicada pela Unisinos, Professora do Curso de Letras da Univates. E-mail: jtfuchs@univates.br

² Licenciada em Letras pela Universidade do Vale do Taquari -Univates. E-mail: moniizoton@gmail.com

Encontrar materiais didáticos que contemplem a concepção de linguagem como forma de interação e que abordem a gramática internalizada, do uso real, é um desafio para os professores de Língua Portuguesa, portanto este trabalho se justifica como forma de auxiliar os professores da Educação Básica na tarefa de selecionar e explorar melhor, uma vez selecionados, os livros didáticos.

O livro escolhido para análise foi *Português: linguagens*, 9º ano de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, de 2009. Primeiramente se apresentam as concepções teóricas sobre língua, linguagem e gramática nas quais o trabalho foi baseado para, em seguida, explicitarem-se os resultados da análise propriamente dita.

Concepções de língua, linguagem e gramática

Tanto o docente que atua em sala de aula quanto os autores de obras didáticas precisam ter claras suas concepções teóricas acerca da língua, pois elas alteram o planejamento, interferem no “o que e como ensinar”.

Então, o que é uma língua? Efetivamente, de acordo com Antunes (2009), a língua enquanto entidade concreta não existe, o que existe são grupos de falantes. Diante disso, não há outra forma de entender a língua senão como processo de interação: ela deve ser vista como “um conjunto de falares, organizado e sistemático, mas também heterogêneo, aberto, móvel” (ANTUNES, 2009, p. 22). No caso da linguagem, pode-se defini-la como a capacidade do homem para produzir e assimilar a língua, sendo uma forma de acesso à realidade sempre mediada pelo discurso falado ou escrito. O domínio desses discursos garante a possibilidade de participação cidadã dos indivíduos que o detêm.

E é na sala de aula, especialmente nas aulas de Língua Portuguesa, que vão se formar esses cidadãos atuantes e competentes linguisticamente, desde que lhes sejam oferecidas as condições de alcançar o domínio da língua – ou melhor, a competência comunicativa –, por meio da linguagem. Para tanto, primeiramente é preciso que o professor entenda essas concepções para depois decidir quais vai adotar em sala de aula.

Quanto à linguagem, existem três concepções elencadas por Travaglia (2002). Na primeira, linguagem como expressão do pensamento, entende-se linguagem apenas como uma tradução do pensamento, que ocorre sem influências do interlocutor ou da situação de comunicação. A segunda concepção é a que vê linguagem como instrumento de comunicação, como um conjunto de signos usados para transmitir uma mensagem de um

emissor a um receptor, desconsiderado o uso e o contexto social. O enfoque dessa segunda concepção está na noção de língua como mero código, como mero instrumento. E, por fim, a terceira concepção é a de linguagem como forma ou processo de interação, na qual se entende que o uso da língua pressupõe a realização de ações sobre o interlocutor, indo além de uma simples tradução ou transmissão de informações.

Ainda conforme Travaglia (2002), a cada concepção de linguagem se vincula uma concepção de gramática. A gramática normativa ou tradicional, que é normalmente a mais conhecida quando se fala no termo gramática, é aquela que prescreve as regras do bom uso da língua, ou seja, dita o que é certo e o que é errado na hora de expressar o pensamento – como falar e escrever “bem” –, e, por isso, está vinculada à primeira concepção de linguagem. O segundo conceito de linguagem, que a entende como meio objetivo para a comunicação, relaciona-se com a gramática descritiva, que descreve a estrutura e o funcionamento interno da língua, porém abstraída de seu contexto e uso (níveis fonético, morfológico e sintático). Há ainda a gramática internalizada, que é voltada ao uso real da língua e que compreende todas as regras que o usuário da língua aprendeu automaticamente, independentemente da escolarização. Diante disso, a terceira concepção de linguagem – forma ou processo de interação – vem ao encontro da gramática internalizada.

Os três conceitos de gramática apresentados deixam claro que existem três tipos de gramática: a normativa, a descritiva e a internalizada. Além desses, há ainda outros tipos de gramática, porém é importante destacar, dentre tantos, a gramática reflexiva. Segundo Travaglia,

É a gramática em explicitação. Esse conceito se refere mais ao processo do que aos resultados: representa as atividades de observação e reflexão sobre a língua que buscam detectar, levantar suas unidades, regras e princípios, ou seja, a constituição e funcionamento da língua (TRAVAGLIA, 2002, p. 33).

Para o autor, diante dessas concepções apresentadas, é a da gramática internalizada que “constitui não só a competência gramatical do usuário mas também sua competência textual e sua competência discursiva e, portanto, a que possibilita sua competência comunicativa” (TRAVAGLIA, 2002, p. 30). Apesar disso, o ensino de gramática nas escolas, infelizmente, tem seguido sobretudo a abordagem tradicional, de

acordo com Antunes (2007; 2009), apegada às regras de gramática normativa, até um ponto em que o estudo da gramática acabou virando sinônimo de estudo de Língua Portuguesa. Há quem acredite que língua e gramática são a mesma coisa e que “saber uma língua equivale a saber sua gramática” (ANTUNES, 2007, p. 39), mas, na verdade, a língua é complexa e supõe outros componentes além da gramática normativa. Nesse sentido, cria-se uma visão reducionista do ensino da língua, em que as questões de nomenclatura acabam sendo o foco dos professores, presos a manuais didáticos e a um modelo de ensino prescritivo (ANTUNES, 2007).

Gramática como ciência: alternativas para o ensino

A perspectiva de ver o ensino da gramática como um fim em si mesmo precisa urgentemente mudar. O processo ensino-aprendizagem dessa disciplina deve ser visto como um mecanismo para a mobilização de recursos úteis à implementação de outras competências, isto é, não se deve tornar o ensino de gramática algo simplesmente classificatório, mas atrelá-lo a outros conhecimentos por meio dos quais se possa perceber como esse sistema de organização linguística funciona em diferentes situações comunicativas.

Visto que “a gramática é constitutiva da língua” e “nunca pode ser uma questão de escolha, algo que pode ser ou deixar de ser obrigatório” (ANTUNES, 2007, p. 28), conforme observado por Antunes, não há como deixar de ensinar gramática na escola, como sugerem alguns, pois isso significaria fechar uma janela ao aprendiz. Contudo, precisa-se, de fato, encontrar alternativas para seu ensino.

Um caminho para melhorar o ensino da gramática nas aulas de português é tratá-la como ciência, redefini-la em termos de formação científica. Segundo Perini (2010), a gramática como disciplina escolar precisa ser encarada como a química, a física ou a biologia: como uma disciplina científica, porque afinal “a gramática estuda um aspecto da linguagem – um fenômeno tão presente em nossas vidas quanto os seres vivos ou os elementos químicos” (PERINI, 2010, p. 35). A crítica do autor é que nas aulas de português aprendemos decorando, sem cogitar os métodos que levaram aos resultados. Como exemplo, nunca questionamos por que tal palavra é chamada de advérbio, nunca realizamos atividades que envolvam a observação e manipulação dos fatos da língua, não

somos levados a “assumir uma atitude científica frente ao fenômeno da linguagem” (PERINI, 2010, p. 39).

Assim, concorda com Moura Neves (2003, p.93) que já havia apontado que na escola a maioria das disciplinas é tratada como ciência, exceto a Língua Portuguesa: “é algo como oferecer aos alunos, nas diversas disciplinas, tratamento científico para um sem-número de objetos, menos a língua. A autora defende em seus trabalhos a proposta da gramática de usos, um tipo de gramática que integraria os componentes sintático, semântico e pragmático, valorizando o uso linguístico, bem como o usuário da língua, e que seria “cientificamente conduzida e, por isso mesmo, respaldada no real funcionamento da linguagem” (MOURA NEVES, 2003, p. 100).

Da forma como ocorre hoje nas escolas, o estudo de gramática contribui para a analfabetização científica, conforme Perini (2010), uma vez que desencoraja a dúvida e o questionamento. Da mesma forma, os livros didáticos também contribuem para isso, pois eles mostram os resultados sem fazer o aluno pensar como se chegou até ali.

É só através do tratamento científico da gramática que essa disciplina – “parte essencial do estudo da linguagem, o mais importante dos fenômenos sociais – poderá dar sua contribuição à alfabetização científica nossa e de nossos alunos” (PERINI, 2010, p. 41). Ensinar a observação cuidadosa dos fatos, o pensar crítico e independente, enfim, aplicar a ciência linguística na escola é pôr em evidência a língua do dia a dia do aprendiz, fazendo-o refletir sobre como ele usa sua língua e assim desenvolver seu aprendizado.

Resultados da análise do livro didático

A obra *Português: linguagens*, do 9º ano está dividida em quatro unidades, e cada unidade em três capítulos, sendo que cada capítulo é aberto com um texto verbal e organizado em seções. Neste trabalho serão mais bem exploradas as seções “A língua em foco” e “De olho na escrita”, por tratarem especificamente de conteúdos gramaticais, bem como o “Manual do professor”, que explica a estrutura e metodologia e traz as concepções teóricas nas quais o livro didático está ancorado.

Em primeiro lugar, buscou-se saber qual é a concepção de língua que perpassa a obra, a fim de verificar se o que é afirmado no “Manual do professor” confere com as atividades propostas. A definição de língua trazida pelo livro, de “processo dinâmico de interação, isto é, um meio de realizar ações, de agir e atuar sobre o outro” (CEREJA;

MAGALHÃES, 2009, p. 12), vai ao encontro da terceira concepção de Travaglia (2002), que vê a linguagem como processo de interação. Percebeu-se que essa noção de interação aparece sim na obra, na seção “Produção de texto”, quando se convida o aluno a escrever para um interlocutor (Excerto 1, item a), porém nas seções gramaticais a mesma interação não é tão visível.

Ao produzir seu texto, siga estas instruções:

- Tenha em mente que seu conto será lido por colegas, professores, familiares e amigos, pois ele fará parte do livro que seu grupo irá produzir e expor na mostra **Quem conta um conto aumenta um ponto** proposta no capítulo **Intervalo** desta unidade.
- Antes de escrever, imagine o conflito, ou seja, a situação problemática que as personagens viverão, e como ocorrerá sua superação. Além disso, planeje a organização dos fatos, estruturando o enredo em partes (introdução, complicação, clímax e desfecho) ou encontrando uma maneira de subverter essa estrutura. No caso de sua escolha ter recaído sobre um dos inícios sugeridos, a introdução já está feita.
- Ao redigir, empregue a variedade padrão da língua. Faça um rascunho e, antes de passar seu conto a limpo, revise-o cuidadosamente, seguindo as orientações do box **Avalie seu conto**. Refaça o texto quantas vezes achar necessário.

O que é necessário para criar uma boa história?

Veja a reflexão que o escritor italiano Umberto Eco faz sobre o ato de narrar:

Entendo que para contar é necessário primeiramente construir um mundo, o mais mobiliado possível, até os últimos pormenores. Constrói-se um rio, duas margens, e na margem esquerda coloca-se um pescador, e se esse pescador possui um temperamento agressivo e uma folha penal pouco limpa, pronto: pode-se começar a escrever, traduzindo em palavras o que não pode deixar de acontecer.

Avalie seu conto

Observe se seu conto é uma narrativa ficcional curta; se apresenta poucas personagens, poucas ações e tempo e espaço reduzidos; se o enredo está estruturado em introdução, complicação, clímax e desfecho (ou subverte intencionalmente essa estrutura); se a linguagem empregada está de acordo com a variedade padrão da língua.

Excerto 1 – Página 76 do livro didático

A concepção de gramática escolhida na obra, segundo o manual do professor, foi contemplar

Aspectos relacionadas tanto à *gramática normativa* – em seus aspectos prescritivos (normatização a partir de parâmetros da variedade padrão: ortografia, flexões, concordâncias, etc.) e descritivos (descrição de classes e categorias: substantivo, sujeito, predicado, número, pessoa, modo, etc.)” - quanto à *gramática de uso* [...], quanto, ainda à *gramática reflexiva* (CEREJA; MAGALHÃES, 2009, p. 12, grifos do autor).

Verificar-se-á, a seguir, quais dessas concepções são realmente contempladas ao longo do material didático.

A seção chamada “A língua em foco” tem por finalidade, segundo o manual do professor, abordar a gramática de forma diferente do tradicional, não eliminando os aspectos normativos, mas sim redimensionando-os. Porém, a maioria das atividades que se vê nesta seção não foge muito da gramática normativa, pois há longas explicações acerca do conteúdo estudado, seguidas de exercícios de fixação.

Um ponto positivo dentro da seção mencionada é o tópico “Construindo o conceito”, que objetiva “levar o aluno a construir um conceito gramatical por meio de um conjunto de atividades de leitura, observação, comparação, discussão, análise e inferências” (CEREJA; MAGALHÃES, 2009, p. 12) das estruturas gramaticais, como orações subordinadas adverbiais, adjetivas, reduzidas, pronomes, figuras de sintaxe, estrutura e formação de palavras, entre outros. Parte-se da observação de um fato linguístico dentro de um texto – literário ou jornalístico, quadrinho, propaganda, charge etc. – para, em seguida, mostrar como se constitui a estrutura gramatical a ser estudada e qual sua função dentro de determinado gênero textual, como vemos no exemplo a seguir (Excerto 2), em que uma tira é usada para introduzir o conceito das figuras de sintaxe.

A língua em foco

FIGURAS DE SINTAXE

CONSTRUINDO O CONCEITO

Quando escrevemos, ficamos o tempo todo atentos ao sentido que pretendemos dar ao texto e, por isso, escolhemos cuidadosamente cada palavra. Contudo, a escolha das palavras não é o único fator responsável pela construção do sentido de um texto. Entre outros fatores, também é importante o modo como construímos sintaticamente os enunciados.

Leia esta tira:



(Jean Calvão)

1. No 1º quadrinho da tira, há uma frase em cada um dos balões.
 - a) Identifique e classifique o sujeito de cada uma delas.
 - b) Além do sujeito, há outra expressão subentendida na frase do 2º balão. Qual é ela?
2. A estrutura sintática das frases do 1º quadrinho repete-se nos outros dois quadrinhos.
 - a) Que palavras estão implícitas no 2º quadrinho?
 - b) E no 3º quadrinho?
3. Releia a tira, incluindo nas frases os termos que estão implícitos. Na sua opinião, qual das formas fica melhor? Por quê?

CONCEITUANDO

Na busca de maior expressividade do texto ou de maior interatividade com o interlocutor, os enunciados podem tomar uma forma diferente da convencional, apresentando inversões, supressão de termos, repetição proposital de algumas palavras, etc. Recursos como esses são chamados de **figuras de sintaxe**.

Figuras de sintaxe são recursos estilísticos de expressão criados com base na construção sintática dos enunciados.


119

Excerto 2 – Página 119 do livro didático

Depois, como se vê no mesmo exemplo, aparece o tópico “Conceituando”, através do qual se busca formalizar o conceito. Um ponto negativo é que os exemplos deste tópico são dados em frases soltas, e os exercícios são, em sua maioria, de reescrita de frases ou reconhecimento da categoria gramatical. Como exemplo, destaca-se uma atividade que, apesar de estar baseada em uma tira, é apenas de identificação: “Na 1ª oração desse período, identifique: a) o sujeito da forma verbal *escondi*; b) a função sintática dos termos **meus doces e na caixinha de música**” (Excerto 3 – item 2), exercício em que não há

nenhuma reflexão sobre o tempo verbal usado ou sobre como os termos destacados se relacionam.

Leia esta tira, de Jean Galvão:



(Folha de S. Paulo, 10/5/2005.)

1. Observe a estrutura sintática da frase do 2º balão. Divida a frase em orações e responda:
 - a) Quantas orações há nesse período?
 - b) Quais são elas?
2. Na 1ª oração desse período, identifique:
 - a) o sujeito da forma verbal **escondi**;
 - b) a função sintática dos termos **meus doces** e **na caixinha de música**.

Excerto 3 – Página 96 do livro didático.

Ainda dentro da seção “A língua em foco”, vale destacar o tópico “Semântica e discurso”, por meio do qual se busca ampliar a abordagem do conteúdo gramatical sob a perspectiva da semântica, como também o box “Contraponto” (Excerto 4), que abre espaço aos questionamentos da linguística, oportunizando ao professor um momento para discutir com o aluno a rigidez da gramática normativa. Dessa forma, pode-se considerar esses boxes como exemplos de abordagem gramatical reflexiva.

Contraponto

Mesmo entre os falantes que normalmente fazem uso da variedade padrão, dificilmente alguém diz “Cheguei a casa tarde ontem” ou “Vou a casa e já volto” para se referir à própria casa, como recomenda a gramática normativa. Geralmente esses falantes empregam a preposição **a** nessas frases apenas quando usam a língua escrita.

Segundo o linguista Marcos Bagno, o emprego da preposição **a** está em declínio, e esse fenômeno não se restringe à regência desses dois verbos.

Veja o comentário do linguista a propósito desse fenômeno:

Com sentido locativo estático (repouso, situação, imobilidade), dá-se preferência à preposição **em**, o que cria pares como *estar à/na janela, falar ao/no telefone, sentar-se à/na mesa, [...] bater à/na porta, fazer algo ao/no computador [...]*

(Português ou brasileiro – Um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola, 2001. p. 145.)

Atenção: Em situações formais em que o uso da língua padrão está sendo avaliado, deve-se atender ao que recomenda a gramática normativa.

Excerto 4 – Página 209 do livro didático

Abaixo vemos uma atividade (Excerto 5) que parece contemplar a gramática internalizada do aluno. Afirma-se isso porque o exercício mostra exemplos de frases reais, usadas pelos falantes no cotidiano e através da comparação leva o aluno a pensar sobre as diferenças de sentido para assim chegar à resposta. E essa resposta já está pronta em sua mente, ele consegue deduzir o que lhe é pedido, pois isso faz parte de sua gramática internalizada, que independe da escolarização, conforme Travaglia (2002), mas que é na escola que pode e deve ser ampliada.

2. É muito comum, tanto na linguagem escrita como na falada, o emprego da locução de realce **é que** para enfatizar o que se quer expressar. Essa locução não provoca alteração na forma do verbo da oração, que continua fazendo sua concordância normal com o sujeito a que se refere. Veja:

Nós leremos a revista agora.

sujeito verbo

Nós **é que** leremos a revista agora.

Observe que a locução é usada sempre antes do verbo da oração.

- a) Reescreva as frases abaixo, empregando a locução de realce **é que**:

- Nós somos os responsáveis por isso.
- Eu vou tomar banho primeiro.

- b) Compare as frases dadas às frases que você escreveu. Que ideia a expressão **é que** introduz nas frases?

- adição
- oposição de ideias
- confirmação
- exclusão do interlocutor

Excerto 5 – Página 186 do livro didático

Além disso, em uma atividade tão simples, parece estar contemplada também a gramática reflexiva, uma vez que, enquanto resolve o exercício, o aluno está observando e refletindo sobre o funcionamento da língua através de frases que utiliza no cotidiano.

O seguinte tópico se intitula “De olho na escrita” e aborda questões gramaticais voltadas à ortografia e acentuação, com exercícios de responder perguntas, reescrever frases, completar. Destacam-se algumas atividades baseadas no método indutivo que levam o aluno a pensar como cientista, inferindo as regras a partir das recorrências. Esse tipo de exercício é muito válido, pois, afinal, a gramática é – ou deveria ser – uma disciplina científica, como referido acima por Perini (2010) e Moura Neves (2003).

A seguir está um exemplo de atividade indutiva (Excerto 6), em que o aluno precisa deduzir certa regra a partir da comparação de palavras já apresentadas. É uma forma simples e eficaz de fazer com que o aluno aprenda a formular hipóteses sobre o funcionamento de sua língua materna.

3. Na tira, um mesmo substantivo composto foi empregado duas vezes, uma no singular e outra no plural.

a) Qual é esse substantivo?
b) A que classe de palavras pertence cada um dos elementos que compõem esse substantivo?
c) Compare o plural desse substantivo com outros substantivos compostos semelhantes:

caça-níquel → caça-níqueis quebra-mar → quebra-mares

Com base nessa comparação, deduza a regra de formação do plural dos substantivos compostos formados por verbo + substantivo.

Excerto 6 – Página 186 do livro didático

Percebeu-se a ocorrência desse tipo de atividade gramatical mais científica apenas nas seções que tratam sobre ortografia, o que já é um mérito do livro, porém esse tipo de atividade poderia – ou deveria – aparecer também nas demais seções.

Confrontando-se então as concepções de língua e gramática apresentadas no “Manual do professor” com a análise das atividades do livro, percebe-se que a concepção de linguagem como interação foi contemplada em alguns momentos, porém não em toda a obra. Quanto à concepção de gramática, prevalece a abordagem normativa, conforme conceituação de Travaglia (2002), pois há uma ênfase desnecessária na descrição de regras e categorias, e as exemplificações de conceitos são feitas sob a forma de frases descontextualizadas.

Dentre as demais concepções de gramática analisadas, sentiu-se a falta de uma melhor explicação sobre a gramática de uso, referida no manual, bem como de exercícios que a contemplem, pois, a partir da definição de Moura Neves (2003) do que seria uma gramática de usos – transcendendo a abordagem por módulos –, não se constatou sua presença no livro didático. Apesar disso, levando-se em conta o que afirma Travaglia (2002), é válido reconhecer que a obra traz algumas atividades que exploram também a gramática internalizada e a reflexiva, sobretudo nas atividades do tópico intitulado “Semântica e discurso” e nos boxes “Contraponto”, como já exemplificado.

Considerações finais

Este artigo buscou analisar o livro didático de Ensino Fundamental Português Linguagens, no que se refere à abordagem gramatical que perpassa a organização da obra. Com base em teóricos da língua, sobretudo Travaglia (2002), apresentaram-se as concepções de linguagem e gramática que existem, identificando as que melhor se encaixam com o objetivo fundamental do ensino de língua e gramática na escola: o de desenvolver a competência comunicativa do aprendiz.

Após avaliação geral da obra, constata-se que o conteúdo do livro é apresentado de forma bem detalhada, dividido em seções sucintas, porém bem ilustradas com exemplos do fato linguístico que se quer colocar em foco, e isso é essencial para o bom aprendizado devido ao volume de informações tratadas em cada capítulo.

Quanto à abordagem gramatical, em toda a obra, identificaram-se atividades baseadas em diferentes tipos de gramática: a normativa, na maioria dos casos – observada em exercícios prescritivos e descritivos –, a reflexiva e a internalizada – sobretudo no tópico “Semântica e discurso” e em alguns boxes, bem como a ocorrência de algumas atividades que estimulam o tratamento científico da linguagem. Não se constatou de maneira significativa, porém, a gramática de uso, que é sucintamente apontada no manual do professor como uma das abordagens escolhidas.

Conclui-se então que, apesar de aparecerem outras concepções de gramática, predomina no livro didático a abordagem gramatical normativa ou tradicional, pois há uma ênfase desnecessária na descrição de regras e categorias e muitos exercícios mecânicos. Contudo, esses fatores não inviabilizam a utilização deste material na escola, pois ele também apresenta méritos: contém atividades que se baseiam na concepção de

linguagem como interação e no tratamento científico da gramática e também trabalha com propriedade os usos e efeitos de sentido gerados pelas estruturas linguísticas. Além disso, destaca-se a presença de distintos gêneros textuais.

Se o professor souber se apropriar das atividades gramaticais adequadas oferecidas pelo livro, bem como explorar os gêneros textuais e as sugestões de produção de textos, pode realizar um ótimo trabalho nas aulas de Língua Portuguesa com o auxílio deste livro didático.

Levando em consideração que esta pesquisa manteve o foco apenas no livro didático de língua portuguesa do 9º ano do ensino fundamental, sugere-se, para novas investigações, a análise de materiais das demais séries finais do ensino fundamental, bem como a comparação entre essas obras no que tange à abordagem gramatical. Outro foco passível de investigação é uma análise do plano de estudo de língua portuguesa do 9º ano, por exemplo, de uma determinada escola, em comparação com o livro didático dessa disciplina, a fim de verificar se as teorias linguísticas e as atividades apresentadas no livro vão suprir as necessidades daquela turma de aprendizes.

Referências

ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola, 2007.

ANTUNES, Irandé. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola, 2009.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português linguagens: 9º ano*. 5ª ed. reform. São Paulo: Atual, 2009.

MOURA NEVES, Maria Helena. “Subsídios teórico-metodológicos para o tratamento escolar da gramática”. In: TOLDO, Claudia (et al.). *Questões de linguística*. Passo Fundo: UPF Editora, 2003.

PERINI, Mario. “Para que estudar gramática?” In: _____. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

ANALIZANDO EL LIBRO DIDÁCTICO DE LENGUA PORTUGUESA CUANTO AL ABORDAJE GRAMATICAL

RESUMEN

El objetivo de este artículo es presentar un análisis del libro didáctico *Português Linguagens*, de Cereja y Magalhães, en lo que se refiere a las actividades de cuño gramatical. Se busca averiguar cuál es la concepción de lengua y de gramática que domina la obra, con base en autores como Travaglia (2002) y Antunes (2007; 2009). Se concluye que predomina en el libro el abordaje gramatical normativo. Entretanto, hay ocurrencia de actividades que estimulan el tratamiento científico del lenguaje, como también algunas actividades que contemplan la gramática reflexiva, por eso el libro puede ser usado en clase desde que el profesor sepa adecuarlo a su planificación.

Palabras clave: Libro didáctico, Lengua portuguesa, Gramática.

Recebido em 24/01/2018

Aprovado em 12/04/2018